

**LER, EDUCAR E RESISTIR: tecendo direitos humanos e cidadania na
biblioteca comunitária adianto cultura.**

Sara Vitória de Carvalho da Silva Thé (UECE),
sara.vitoria@aluno.uece.br

RESUMO

Este trabalho disserta sobre a perspectiva das bibliotecas comunitárias de iniciativa popular como espaços de educação popular, onde é apresentado como estudo empírico a biblioteca comunitária Adianto Cultura, localizada na cidade de Fortaleza, na favela das Goiabeiras, na Barra do Ceará. O problema de pesquisa foi compreender de que maneira a referida biblioteca, situada em território periférico, atua na democratização do acesso à cultura, na construção de saberes fora da educação formal e a atuação do território enquanto força motriz.

O objetivo principal era identificar e compreender como as práticas educativas realizadas na biblioteca comunitária Adianto Cultura são vivenciadas e significadas pelo público frequentador. Consoante a este objetivo, foram realizadas observações e análises acerca das principais características da comunidade, bem como sobre as atividades desenvolvidas pela biblioteca, sua história de criação e resistência à segregação socioespacial. Essa pesquisa é resultante de trabalho pedagógico, com sequência didática elaborada pela própria autora, e tratando-se de uma investigação qualitativa, utilizei dois procedimentos principais: revisão teórica e bibliográfica e oficina de mapa afetivo. Possui abordagem de caráter descritivo e qualitativo e, como fundamento conceitual, apresento o pensamento freireano, o *ethos* da educação popular, pilar filosófico e pedagógico incontornável, sua obra fornece a linguagem e o método que permeiam esse campo, auxiliando a definição e identificação das bibliotecas comunitárias enquanto espaços de circulação da palavra. Apresento também investigações da relação entre a estima de lugar e a participação social com utilização da metodologia dos mapas afetivos para compreender como os sentimentos e as representações subjetivas influenciam o envolvimento comunitário e são fundamentais para transformar espaços alienados em lugares de vivência e cidadania.

Concluiu-se que as bibliotecas comunitárias se configuram como espaços simbólicos e materiais de refúgio, descanso, aprendizado e diversão, possibilitando a reconstrução de narrativas e sentidos atribuídos pelas famílias e suas crianças frequentadoras, ao passo

que controem os direitos humanos.

Palavras-chave: Bibliotecas comunitárias. Educação Popular. Direitos humanos.

1 INTRODUÇÃO

As bibliotecas comunitárias são espaços populares criados a partir de uma ação sociocultural das suas comunidades com o objetivo de democratizar o acesso à educação, arte, lazer, cultura e recreação. Estão localizadas em regiões periféricas, territórios historicamente segregados e violentados pelo Estado, a partir de um processo de articulação que gera participação e movimentação política nas comunidades em que elas estão inseridas. As bibliotecas comunitárias não possuem vínculo governamental, sendo mantidas por uma rede de afetos e resistência popular que auxilia na constituição de acervos, mobiliário, espaço físico e/ou recursos para continuidade das atividades através de doações ou criação de propostas de financiamento para instituições públicas e privadas. Com um longo histórico de reivindicações políticas, além de serem espaços de sociabilidade e aprendizagem das crianças e adolescentes, desempenham papel fundamental na articulação comunitária e na transgressão da segregação urbana, social e educacional das populações periféricas.

A escolha do objeto de estudo emergiu das minhas experiências militantes e pedagógicas, atravessadas pela educação popular no ano de 2021, quando conheci através de uma rede social a campanha “Biblioteca Nazária, Biblioteca Urgente”, que visava viabilizar recursos para fomento e manutenção de 12 bibliotecas comunitárias de iniciativa popular nas periferias de Fortaleza. Participei da movimentação e me aproximei dos sujeitos articuladores que me receberam com abertura e entusiasmo, posteriormente, fui visitar e doar livros para umas das bibliotecas, a Adianto Cultura, próximo a minha casa. Tornei-me amiga do gestor da referida biblioteca e comecei a realizar atividades para as crianças e adolescentes do espaço, me apropriando das discussões e leituras que fazia na universidade desde meu ingresso em 2020.

Minha pesquisa justifica-se pela relevância teórica do tema, que ainda apresenta lacunas na literatura geral e nas Ciências Sociais, especialmente no que se refere a Barra do Ceará e suas experiências educativas em educação popular, e pela hegemonia das Ciências da Informação na discussão sobre bibliotecas públicas e comunitárias num

contexto informacional e educativo.

Diante das questões que norteiam o problema desta investigação, os objetivos específicos apresentam-se do seguinte modo: a) Refletir sobre a natureza e relevância social da Biblioteca Comunitária Adianto Cultura b) Compreender as sociabilidades das infâncias e juventudes que vivenciam a educação popular na Adianto Cultura; c) A partir das percepções dos interlocutores, sinalizar os contextos sociais e culturais da Barra do Ceará, território que age como fio condutor.

A orientação metodológica desta pesquisa é de caráter qualitativo, sendo expresso através da cartografia social aplicada a um grupo focal de crianças com a realização de um mapa afetivo. É uma estratégia metodológica inovadora nas ciências sociais, em diálogo com a antropologia contemporânea, enfatizando que o conhecimento é construído de forma relacional e transformadora entre pesquisador e objeto. O método cartográfico é uma ferramenta ética e política capaz de acompanhar fluxos e transformações da realidade social em vez de apenas representar estados fixos (SANDRONI, TARIN, 2014).

A estrutura desse trabalho está organizada em três capítulos. O presente capítulo corresponde a apresentação do tema e sua relevância social e acadêmica, contextualização das bibliotecas comunitárias, justificativa da pesquisa, problema de pesquisa, objetivos (geral e específicos), e metodologia. O segundo capítulo é um aporte teórico sobre as temáticas principais de análise: educação popular e direitos humanos e expõe o objeto de pesquisa, nesse caso, a biblioteca comunitária Adianto Cultura. O terceiro capítulo se trata das experiências e reflexões sobre a relação socioespacial dos interlocutores com o território e o referido espaço, apresentando as discussões germinadas da oficina de mapa afetivo.

2 EDUCAÇÃO POPULAR COMO PRÁTICA DE CONSTRUÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

Existem produções historiográficas significativas sobre as diferentes trajetórias da educação popular no Brasil, todavia, neste tópico, apresento o conceito de educação popular como expressão de uma cultura rebelde¹ a partir das contribuições de Carlos Rodrigues Brandão

¹ No artigo "Educação não formal: história e crítica de uma forma social", de Carolina Catini (2021), temos uma análise crítica da educação não formal, situando-a como uma categoria histórica e social intimamente ligada às

(2006), que resgata um panorama da germinação da educação popular assolada pela ditadura civil empresarial militar. No início da década de 1960, Paulo Freire e uma equipe de educadores pernambucanos iniciaram em Angicos (RN) uma experiência inovadora de alfabetização. Seus fundamentos teóricos e práticos dariam origem, anos depois, ao que se convencionou chamar de educação popular. Surgida no Brasil e difundida por toda a América Latina, essa proposta apresentou uma nova perspectiva para as ações sociais e político-pedagógicas, tendo a cultura popular como base e meio de realização. Dessa forma, a constituição cultural dos sujeitos e comunidades, antes apenas objeto de estudo de cientistas sociais, transformou-se também no alicerce para a ação política e educativa, impulsionando os primeiros movimentos de cultura popular.

A conjunção de três condições históricas específicas viabilizou a emergência da educação popular: a vigência de governos populistas, a produção acelerada de uma intelectualidade militante (estudantil, universitária, religiosa e partidária) e a abertura de espaços para novas formas de organização das classes populares. A efervescência dos movimentos sociais nas décadas de 1960 e 70 impulsionou a criação de diversos partidos e coletivos de esquerda que se redescobriram sujeitos políticos ocupantes do espaço público. Essa apropriação gerou dezenas de iniciativas de educação e reeducação política, gerando nos militantes e ativistas identificação e sentido, alcançando os setores mais populares da sociedade brasileira, fincou-se como base dos movimentos esse processo de ensinar sobre a realidade e a luta.

Os movimentos de cultura popular propunham uma ruptura: em vez de usar pintura, música, literatura, dança e cinema para impor saberes da elite às classes populares, eles as transformavam em um método pedagógico para um diálogo bilateral e conscientizador, como os círculos de cultura e as oficinas de arte educação. Ora, se a filosofia desses movimentos compreendia a cultura como peça fundamental de interpretação no mundo, que nos diferencia dos demais animais e configura a história das sociedades humanas através do ato de pensar, criar e significar experiências e saberes, sendo um processo dialógico de consciência e

transformações do capitalismo contemporâneo, tendo como base uma reflexão que vincula sua origem a um projeto político conservador que buscava neutralizar o avanço da educação popular no contexto da ditadura civil-empresarial-militar. O artigo gerou-me uma reflexão crítica sobre o papel da educação não formal, e a partir dele questioneei até que ponto essa modalidade contribui para a transformação social ou para a perpetuação das desigualdades, paralelamente repensei que a polissemia e suas disputas pudessem reforçar problemas metodológicos que se impõem quando se considera a gênese e os objetivos incertos da educação não formal.

transformação da natureza, é imprescindível catalisar a luta popular através dela. Enquanto “a política entra na ordem do dia”, a cultura se faz a própria vida e se retroalimenta através de um exercício que todo ser humano faz: o aprender. Eis a tarefa revolucionária, não de ensinar a aprender, mas compreender como as pessoas aprendem e apreendem a linguagem, o mundo, o corpo, a ordem societária, e a partir disso redimensionar a prática pedagógica, não sendo ela algo popular porque é para os pobres, porque não tem qualidade, mas popular porque é feito pela classe trabalhadora a partir de um horizonte comunitário e comum.

Nesse sentido, a educação popular possibilita o empoderamento subjetivo e coletivo, especialmente dos grupos marginalizados, potencializando os sujeitos que historicamente têm sido subjugados ou silenciados nos processos sociais, políticos, econômicos e culturais, e valoriza as manifestações culturais da classe trabalhadora dentro e fora dos seus territórios periféricos enquanto livre expressão cultural, que muitas vezes são recriminadas, considerando que o não acesso ao lazer e cultura são indicativos de desigualdade e violência e sua garantia é um direito também.

2.1 BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS E A CONSTRUÇÃO MATERIAL E SIMBÓLICA DA CIDADANIA

A educação em direitos humanos baseia-se na esperança e militância para construir uma cultura dos direitos humanos a partir do cotidiano, subvertendo mentalidades e construindo novas práticas sociais através da educação, firmando compromisso com a cidadania e a democracia popular. Tomemos como exemplo que, durante a grande pandemia que assolou o país entre 2020 e 2022 (de forma mais expressiva), as bibliotecas comunitárias de iniciativa popular de Fortaleza fecharam suas portas e abriram as redes sociais, criando conteúdos que pudessem fortalecer e trazer visibilidade aos espaços.

Em abril de 2022, o jornalista Diego Barbosa (Diário do Nordeste, 2022) entrevistou dois gestores de bibliotecas comunitárias, Argentina Castro e Wesley Farpa, que relataram uma grave crise enfrentada por falta de apoio financeiro público para cobrir despesas básicas dos espaços, como água e luz. As instituições tentaram, sem sucesso, articular políticas públicas e obter financiamento através de campanhas e reuniões com a Secretaria da Cultura de Fortaleza e vereadores. No texto, os gestores enfatizam que o fechamento desses espaços teria um impacto social "monstruoso", pois são vitais para o acesso à cidadania, cultura e

desenvolvimento em bairros periféricos. Articulado com postos de saúde, comerciantes locais e uma diversidade de instituições, elas contribuem com o direito à cidadania na comunidade por meio de uma série de iniciativas – da doação de cestas básicas à segurança física e emocional para crianças, jovens e famílias.

Foi nesse período que a filantropia os alcançou, e as biblioteca Adianto Cultura, que não tinha qualquer objetivo assistencial, fechou parcerias com ONG'S e institutos da sociedade civil que atuam na Barra do Ceará há anos, tendo em vista a calamidade e a vulnerabilidade que abateu a comunidade. A garantia de vale-gás e cestas básicas deram um ar de esperança e dignidade, esses espaços possibilitaram segurança e cuidado, onde muitos deles oferecem refeições, fazendo jus aos principais direitos das crianças e dos adolescentes, garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e pela Constituição Federal do Brasil.

Por serem espaços que oportunizam experiências que promovem lazer, educação e cultura, como à leitura e outras artes, as bibliotecas comunitárias de iniciativa popular constroem um meio de resistir à violência, à marginalização e à alienação, expandindo o entendimento que os sujeitos frequentadores têm de si mesmos e do mundo. Sendo assim, a garantia de direitos fundamentais às crianças e aos adolescentes acontece não só a medida material através de ações integradoras de assistência social e lazer, mas ao passo que fomentam e apoiam o desenvolvimento das identidades de forma positiva e o reconhecimento subversivo de serem sujeitos de direitos.

2.1.1 O povo que ensina, o povo que aprende: só adianto pra nós.

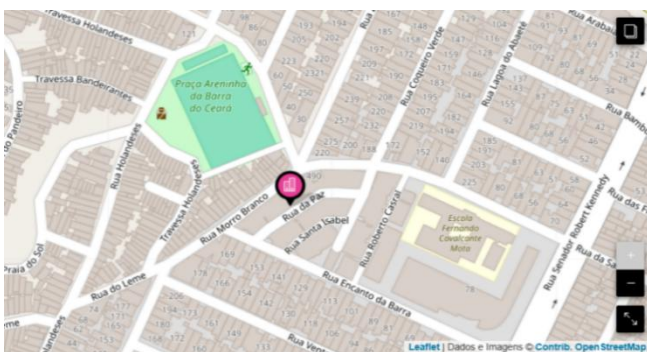
A Biblioteca Comunitária Adianto Cultura, localizada no bairro mais antigo de Fortaleza, está envolta por extrema violência (ora por facções ora pela polícia militar) e se confunde com as histórias dos moradores. Criada em 2019 por Wesley Farpa, o projeto nasceu de um sonho de enxergar arte, cultura e possibilidade num bairro onde só se fala de tragédias, o gestor é fotógrafo e designer, e sua mãe, Valdecila Freitas, mais conhecida como Dona Cila, cedeu a parte de baixo do duplex que morava para dar corpo ao espaço. Num beco estreito chamado Rua Santa Isabel, próximo a uma delegacia, uma areninha e a avenida principal Senador Roberto Kennedy, onde se realiza a 'Feira das Goiabeiras' aos sábados, surge um centro cultural.

Figura 1 – Primeira fachada da Adianto Cultura em 2019



Fonte: Acervo Biblioteca Adianto.

Figura 2 – Mapa da Adianto Cultura



Fonte: Open Street Map

O espaço atualmente recebe o NAPA (Núcleo de Ação pela Paz), um dos projetos desenvolvidos pela Assessoria de Prevenção à Violência do Governo do Ceará (PREVIO/CE), atua diretamente nos territórios socialmente vulneráveis, promovendo inclusão social e a construção coletiva de uma política de prevenção à violência com base na cidadania, são ofertadas oficinas de grafite, pintura e rodas de conversa sobre comunicação não violenta e direitos humanos.

A Adianto Cultura oferta cursos de fotografia, cultura digital, teatro e informática, além dos passeios realizados em parcerias com órgãos públicos e entidades privadas. Os passeios configuram o eixo de acesso à cultura e lazer, que é negado a pessoas negras e periféricas em nosso país, onde as capitais se desenvolvem de forma cada vez mais segregada, sendo revolucionário possibilitar o movimento desses sujeitos pela cidade.

A mudança no trecho que abriga a biblioteca não é nítida apenas visualmente, com os muros coloridos e rabiscados, a placa que comunica abertura ou não, e as dezenas de crianças correndo até a porta. As famílias participantes percebem diferenças em seus filhos e nos interesses sendo impulsionados, além do apoio de poderem deixar as crianças num espaço seguro e formativo, e não nas ruas. As crianças, que muitas vezes se desinteressam pela escola e muito cedo desacreditam da educação e da coletividade, têm nesse espaço o afeto e apoio necessários para construir sonhos.

Depois que eles começaram a ter aula na Biblioteca, a educação deles melhorou muito. Eles tão agora lendo mais, escreve mais e desenha mais né, dentro de casa. Eles aprendem mais um pouco né, sobre a educação, sobre o respeito, respeitar os colegas, respeitar os adultos e é importante pra eles porque é uma ocupação. Se acordam cedo quando é o dia, tomam banho, se vestem e vão pra biblioteca. (Samila Silva, mãe de dois alunos que frequentam a Adianto, para o Diário do Nordeste em 2024).

A fala de Samila evidencia um impacto que transcende a aprendizagem formal: o acolhimento e o reconhecimento, elementos frequentemente negados a populações periféricas em espaços institucionais.

2.2 MAPA AFETIVO E RELAÇÕES SOCIOESPACIAIS NA BARRA DO CEARÁ

A Barra do Ceará carrega memórias, trajetórias e lutas populares desde sua gênese, são momentos que constroem a identidade coletiva do bairro mais antigo, o marco zero de Fortaleza. Não pretendo analisar a colonização do Ceará, tampouco transitar nos aspectos econômicos e históricos do território, mas sinalizar seus aspectos socioculturais e compreender a realidade vivenciada pelas crianças e adolescentes que frequentam a Adianto Cultura, tendo o espaço como fio condutor de narrativas e sentidos.

A cidade é como um imenso alfabeto, com o qual se montam e desmontam palavras, frases, sentidos e significados (ROLNIK, 1992), ela é um produto histórico, social e político, possui estruturas administrativas fortes que ordenam e reordenam o espaço. As relações socioespaciais nas cidades são atravessadas e configuradas pelos processos econômicos, modo de produção capitalista e interesses das classes burguesas, intermediadas pelo Estado. A periferia, enquanto produto das desigualdades sociais e raciais, têm o mesmo cerne definidor, mas se diferenciam

pela identidade dos sujeitos que ocupam esses espaços e as reocupações e ressignificações transgressoras que realizam no contexto urbano.

A Barra do Ceará durante esses 422 anos, foi marcada por transformações que acompanharam à capital, mas concomitantemente assolada por segregações e negações que só são reservadas às periferias e favelas do Brasil. Alta densidade populacional, sendo o segundo bairro mais populoso da cidade (IBGE, 2022) e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), segundo dados de 2022 da Prefeitura de Fortaleza, foi de 0,2157, considerado baixo.

Esse cenário é embalado com os dados de mortes violentas, assaltos e crime organizado, preenchendo assim a moldura de perigo e insegurança intensos. Em Fortaleza, entre janeiro e outubro de 2025, foram registradas 614 vítimas de Crimes Violentos Letais Intencionais, das quais 79 eram adolescentes (Comitê de Prevenção e Combate à Violência do Ceará, 2025).

Não pretendo fomentar as narrativas institucionais, administrativas e políticas que classificam, unificam e coisificam as vivências periféricas do Pombal e das Goiabeiras, favelas que compõe a Grande Barra do Ceará, mas almejo desconstruir e propor outras imagens e histórias que coexistem com as vulnerabilidades e violências que não nos definem. Diante disso, em consonância com o problema de pesquisa que se trata de compreender como as bibliotecas comunitárias situadas em territórios periféricos atuam na democratização do acesso à cultura e na formação em direitos humanos fora da educação formal, escolhi realizar uma oficina de mapa afetivo.

Um mapa afetivo de um território é uma representação cartográfica que foca nos sentimentos, memórias, impressões e vivências de pessoas em relação a um determinado espaço (BONFIM, 2003). Ao contrário dos mapas convencionais, um mapa afetivo vai além da demarcação geográfica, incorporando elementos visuais e narrativos que expressam as relações socioemocionais que os indivíduos têm com os lugares, permitindo uma compreensão mais profunda e subjetiva da realidade territorial. O ponto de partida é a observação dos sentimentos despertados por diferentes locais do território, os participantes desenham, escrevem ou narram as suas experiências e histórias em pontos específicos do mapa, utilizando cores, símbolos e/ou legendas para representar esses afetos. É possível demarcar locais associados a lembranças positivas ou negativas, ou mesmo espaços onde se deseja criar memórias, ao final, juntar as memórias e impressões individuais construindo uma percepção ampliada e coletiva do território, permitindo que as vivências pessoais se projetem no espaço.

A oficina foi realizada no dia 24 de outubro de 2025 com 11 crianças (sendo duas meninas) na faixa etária dos 09 aos 14 anos, tendo uma criança de 7 anos, e todas eram pardas ou negras, exceto uma. Na oficina, após apresentar a pesquisa e os objetivos da atividade, iniciei uma discussão sobre identidade individual e coletiva, destacando as nossas diferenças e semelhanças, desde características físicas a noções de gênero. Destaquei a diversidade cultural e social que existe não só na biblioteca, mas em nosso país, mobilizei diferenças de torcidas e times e falei da minha história pessoal dividindo memórias que tenho do bairro que nasci, dei exemplos de vivências semelhantes à deles/as, como jogar bola na rua, brincar de boneca na calçada, ir para a quadra ou pracinha. A partir daí, citei também vivências negativas, como o primeiro tiroteio que presenciei aos 9 anos e as cápsulas de bala que atravessaram a porta da minha casa aos 12 anos. Em seguida, demos a nossa volta pelo entorno da Adianto e pedi que eles identificassem: 1. Lugar para brincar; 2. Lugar para descansar; 3. Lugar para merendar; 4. Lugar para conversar.

Figura 3 – Registro da trilha urbana



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 4 – Outro registro da trilha



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 5 - Foto de satélite com traçados relativos ao trajeto da trilha urbana realizada



Fonte: Google Maps.

As crianças ocupam exclusivamente o entorno da Adianto, ele é composto pela Rua da Salema, Rua Santa Isabel (nomeado rua da biblioteca pelas crianças), Rua Coqueiro Verde, Rua Encanto da Barra e Beco da Paz, segundo relatos das crianças existe também a ‘Rua da Belinha’ e a ‘Rua da Emily’, meninas que frequentam a biblioteca e tem suas casas como ponto de referência coletiva. Na ferramenta do Google Maps chamada “Street View” não é possível visualizar nenhuma dessas ruas além da Rua da Salema e Rua Encanto da Barra.

Os espaços que eles e elas ocupam para brincar, merendar, descansar e conversar são ao redor da biblioteca, ela funciona como espaço referência e central, as crianças identificaram a Adianto também como espaço de brincar e conversar, além de afirmarem se sentirem seguras. Foi compartilhado por duas crianças que elas fazem parte de projetos sociais na Vila do Mar², que

² "Vila do Mar" refere-se a orla dos bairros do Pirambu, Cristo Redentor e Barra do Ceará, que foi urbanizado e

ofertam jiu jitsu, balé e capoeira, porém as outras crianças não frequentam o calçadão e/ou a praia, apenas de forma esporádica. Um lugar negativo identificado por uma das crianças e que gerou forte adesão foi o “Beco da Paz”, onde segundo eles “sempre tem pessoas fumando” ou utilizando tornozeleiras eletrônicas, eles disseram que evitam. Quando perguntado se eles gostam de morar na Barra do Ceará, respondem uníssono que sim, e uma voz ecoa em seguida “menos dos tiroteios”. Em determinado momento, questionei se eles saíam à noite, e eles falaram que não passavam “pela rua da biblioteca” pois era “sombria e perigosa à noite”.

3 PRINCIPAIS RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos relatos das crianças, podemos realizar uma reflexão aprofundada sobre os impactos da violência na subjetividade delas e na relação que constroem com o território. Um bairro marcado por violência urbana intensifica a evasão escolar, prejudica o aprendizado, limita a circulação e convivência comunitária, além de contribuir com os índices de mortalidade de adolescentes de 10 a 19 anos³. Para além dos impactos diretos de violência fatal, esse cenário corrobora para um contexto de medo e insegurança profundos que fragiliza os laços de sociabilidade e provoca sentimento de impotência. A partir disso, a Biblioteca Adianto Cultura emerge nos discursos das crianças como espaço agregador, potencializador e seguro, ainda que insuficiente, cumpre um papel social de espaço educador e acolhedor.

Quando perguntado o que a biblioteca significa para eles, as respostas foram: “Entretenimento e diversão, eu sorrio muito aqui.”; “Lugar de aprender e brincar”; “Lugar que me dá motivação e oportunidade”; “União entre pessoas que brigavam antes, além das experiências legais.” A seguir, registro fotográfico do mapa afetivo elaborado pelas crianças.

Figura 6 – Mapa afetivo realizado pelas crianças



popular pela beleza de sua praia e pelo encontro do Rio Ceará
iniciativa de revitalização com projetos esportivos e ambientais.
escentes que mostra quantas crianças e adolescentes, em cada
ção policial.

Fonte: Registro fotográfico elaborado pela autora.

Figura 7 – Biblioteca Adianto no centro do mapa afetivo



Fonte: Registro fotográfico elaborado pela autora.

Figura 8⁴



Fonte: Registro fotográfico elaborado pela autora.

A partir das contribuições de BONFIM (2003) é possível perceber que o senso de estima que eles têm de seu bairro e a participação social deles em atividades comunitárias estão intrinsecamente ligados. A estima de lugar é definida como uma avaliação afetiva de um

⁴ Os papéis circulares amarelos foram colados nos lugares despotencializadores e os verdes nos lugares potencializadores.

ambiente que adquire valor para a pessoa, expressa por sentimentos e emoções gerados a partir de imagens e representações do bairro. A estima potencializadora indica uma potência de ação aumentada no indivíduo em relação ao lugar, um aumento em sua capacidade de afetar o local ou ser afetado por ele, está ligada às imagens afetivas positivas de agradabilidade e pertença. A estima despotencializadora indica uma potência de ação diminuída, o que pode levar à inércia, apatia ou ausência de ação, está associada às imagens afetivas negativas de destruição, insegurança e contraste.

Os vínculos afetivos com a cidade são construídos e representados por seus habitantes através de imagens afetivas, como insegurança e pertença, que influenciam a potência de ação e o engajamento cidadão. Os resultados indicam uma predominância da estima de lugar potencializadora no bairro, através do vínculo social com a Adianto, outros projetos sociais comunitários identificados nas falas de 4 das 11 crianças, e as relações interpessoais de amizade entre eles, gerando senso de pertencimento e estima positiva. Embora frequentemente a violência urbana ainda gere alguma estima negativa, nenhuma das crianças demonstrou rejeição ao bairro.

Como apresentado anteriormente, os espaços onde eles não nutrem estima positiva se referem a ambientes onde tem adultos fumando, utilizando tornozeleiras eletrônicas, seus pais não permitem que eles frequentem ou eles experienciaram ou ficaram sabendo de algum ato violento no local. A paisagem do medo, pintada pelo alto índice de violência, criminalidade e drogadição da região, repercute intensamente na despotencialização dos moradores das periferias de Fortaleza.

Os lugares potencializadores eram a Biblioteca Adianto Cultura, e as casas deles ou de seus amigos e familiares. As ações que potencializam a estima e a participação estão frequentemente ligadas à amizade e aos vínculos sociais de pertença e agradabilidade, onde a Adianto Cultura configura espaço simbólico e material de refúgio, descanso, aprendizado e diversão.

Diante disso, a biblioteca não apenas democratiza o acesso à cultura, para além da exclusão informacional, educativa ou sociocultural, o espaço emerge e possibilita a reconstrução de narrativas e sentidos atribuídos pelas famílias e suas crianças, ao passo que rejeita a normalização do absurdo. Ela combate as práticas que negam vida, afeto e conhecimento para as crianças e adolescentes periféricos, não enquanto lugar alienador e remediador, mas lugar que potencializa e constrói direitos humanos. É posto nas atividades e na própria existência do espaço, não só a valorização, mas a reafirmação da vida, não apresenta somente outras

narrativas, mas constroem cotidianamente e coletivamente uma outra noção de si e de seu espaço, através de um horizonte permanente de educação popular, calcada em princípios de solidariedade, paz, respeito e amor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um projeto de educação em direitos humanos precisa construir permanentemente um espaço que receba a indignação como ferramenta de mobilização e conscientização, não enquanto reclamação vazia, mas como raiva direcionada. A postura constante de admirar e afirmar a vida e o outro, deve ser um princípio fundamental para qualquer ação pedagógica que pressuponha os direitos humanos, pois se eu não acredito na dignidade nem defendo a existência humana, não posso ser educador, nem vibrar por garantias para alguns. Vivemos em tempos cada vez mais violentos e punitivos, portanto devemos propor a valorização da vida em todos os aspectos, como forma de combate a austeridade permanente que nos assola. Esse compromisso não é meramente otimista ou objetivo, ele está intrinsecamente relacionado a amorosidade e a utopia, o amor como ato político e a utopia não pela impossibilidade de acontecer, mas como aquilo que ainda não teve lugar entre nós, por isso a necessidade de construir.

A transformação do espaço que abriga a biblioteca se consolida como uma mudança profunda na paisagem social e subjetiva daqueles que a frequentam, os resultados empíricos da pesquisa evidenciaram que a biblioteca comunitária transcende a função técnica de depositário de acervos, configurando-se como eixo de resistência sociopolítica e pedagógica.

No plano socioespacial, a Adianto reconfigura a Barra do Ceará, transformando um ambiente marcado pela paisagem do medo e violência em um espaço agregador, potencializador e seguro. A pesquisa revelou que o vínculo social com a biblioteca gera uma estima de lugar potencializadora, que encoraja as infâncias e juventudes a reconstruírem suas narrativas identitárias e a lutar contra a condição socioespacial imposta, percebendo-se como sujeitos de direitos e ressignificando a relação com o território.

REFERÊNCIAS

Bibliotecas comunitárias de Fortaleza estão fechando as portas e reivindicam apoio público; entenda - Verso - Diário do Nordeste. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/bibliotecas-comunitarias-de-fortaleza-estao-fechando-as-portas-e-reivindicam-apoio-publico-entenda-1.3219526>>. Acesso em: 1 nov. 2025.

BONFIM, Zulmira Á.C.. **Cidade e afetividade:** estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo. 2003. 237 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

BRANDÃO, Carlos R.; STRECK, Danilo R. (Org.). **O que é educação popular.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 2006.

BRANDÃO, Carlos R. *et al.* **Cultura rebelde:** escritos sobre a educação popular ontem e agora. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

CATINI, Carolina. **Educação não formal:** história e crítica de uma forma social. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 47, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/T9cHypgGYtCzYFYD4ftqdr/?format=pdf>. Acesso em: 11 set. 2025.

FORTALEZA Prefeitura de. Desenvolvimento Humano por Bairro de Fortaleza. In: **PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA.** Fortaleza, 2022. Disponível em: https://dados.fortaleza.ce.gov.br/dataset/desenvolvimento_humano_bairro. Acesso em: 1 nov. 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022.** Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

NASCIMENTO, Thatiany. **Ex-aluna do Liceu do CE volta a território e ajuda crianças da periferia em biblioteca comunitária:** Terra dos sabidos. Diário do Nordeste, Fortaleza, ano

2024, 4 dez. 2024. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/terra-de-sabidos/ex-aluna-do-liceu-do-ce-volta-a-territorio-e-ajuda-criancas-da-periferia-em-biblioteca-comunitaria-1.3589430>. Acesso em: 28 out. 2025.

ROLNIK, R.; MORAIS, R.; WRIGHT, C. L.. **O que é: cidade, violência urbana e transporte público**. São Paulo: Círculo do Livro, 1992.

SANDRONI, Laila; TARIN, Bruno. **Limites e possibilidades da cartografia afetiva enquanto método de pesquisa nas ciências sociais**. Reunião Brasileira de Antropologia, Natal/RN, ano 2014. Disponível em: https://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402014806_ARQUIVO_Limites_e_possibilidades_da_cartografia.pdf. Acesso em: 20 nov. 2025.